

PELO AVESSE: CRÍTICA SOCIAL E PENSAMENTO POLÍTICO-FILOSÓFICO NO ALVORECER DO “SÉCULO AMERICANO”: WILLIAM JAMES E O PRAGMATISMO

Cecília Azevedo¹

Resumo. Este artigo trata do pensamento de William James, um dos expoentes do Pragmatismo, corrente filosófica que emergiu no início do século XX, momento de intensa turbulência política e social nos EUA. Meu argumento é que os escritos de James e suas atitudes políticas revelam uma postura crítica em relação a mitos muito arraigados, como o do destino americano de redimir o mundo, sempre apresentado como verdade não sujeita a qualquer questionamento.

Palavras-chave: EUA; pragmatismo; William James; cultura política.

THROUGH THE WRONG SIDE: SOCIAL REVIEW AND POLITIC-PHILOSOPHICAL THINKINGBY THE DAWN OF THE "AMERICAN CENTURY": WILLIAM JAMES AND PRAGMATISM

Abstract. This article discusses the work of William James, a leading proponent of Pragmatism, philosophical school which sprung from a period of intense political and social turmoil in USA at the beginning of the twentieth century. My point is that James' writings and political attitudes reveal a critical stance concerning certain deeply rooted myths, such as the American destiny to redeem the world as an ultimate and unquestionable truth.

Key words: USA; pragmatism; William James; political culture.

Diante da onda de conservadorismo, belicismo e xenofobia que se desenrola nos Estados Unidos desde a eleição do presidente Bush, especialmente após os episódios de 11 de setembro, considero indispensável recuperar uma corrente político-ideológica infelizmente minoritária e portanto pouco visível no cenário norte-americano, mas, na

¹ Professora Adjunta do Departamento de História. UFF – Universidade Federal Fluminense.

minha opinião, de imensa importância em termos da configuração de um horizonte simbólico alternativo ao que se pode chamar de ortodoxia do americanismo.

Retrocedo cerca de um século para resgatar essa tradição de dissenso, enfocando as últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do XX, quando os Estados Unidos experimentaram mudanças consideráveis em muitos aspectos de sua vida social e econômica. Neste período, o acelerado processo de industrialização, imigração e urbanização e seus corolários em termos de mudança social provocaram uma onda de inquietude política, uma crise de natureza e proporções novas que afetou as referências morais e a própria imagem que os norte-americanos nutriam de si mesmos. Vivia-se uma época de rupturas, de confrontos entre projetos antagônicos, de reformulação de identidades.

Muitas foram as vozes que se levantaram contra a exploração capitalista, o racismo e a misoginia de uma elite que, orgulhosa do crescimento econômico da América, expressava um grau crescente de xenofobia. Os negros, cujos padecimentos sempre foram a maior demonstração da verdadeira esquizofrenia entre os belos princípios democráticos e a realidade social, tiveram que enfrentar, a partir das últimas décadas do século XIX, uma imensa regressão dos direitos conquistados no período da Reconstrução. Além de todo o peso de uma legislação segregacionista, os afro-descendentes sofreram também os efeitos do terrorismo branco perpetrado por sociedades secretas, como a inominável Klux Klan. Apesar disso, o período em questão assistiu a novas iniciativas de organização e resistência, dando origem a um rico debate entre novas lideranças do movimento negro, como foi o caso de W.E.B. Du Bois, discípulo de William James, de quem trataremos adiante.

Por sua vez, operários de diversas origens reivindicavam, através de greves, ocupações e manifestações diversas, um novo pacto, uma nova inserção na sociedade.

Na virada do século XX a população urbana dos EUA crescia num ritmo surpreendente, alterando as feições daquele país, que era configurado como uma nação de pequenos proprietários rurais vivendo uma verdadeira utopia agrária. Este sonho perderia suas bases rapidamente: os “farmers” – pequenos proprietários, fonte não só da riqueza, mas da virtude do sistema, segundo o projeto jeffersoniano – desde muito já tinham sido vencidos pelo grande capital, gerando um movimento migratório interno que contribuiu para que em 1930 a população urbana ultrapassasse a rural.

Além de crescerem, as grandes cidades do Leste, em especial, adquiriam uma feição cada vez mais multicultural, com a chegada crescente de imigrantes. Em 1900, 4/5 da população de Nova York, principal porto de entrada do país, eram compostos por estrangeiros ou filhos de estrangeiros. Em Boston e Chicago esse percentual era, respectivamente, de 2/3 e 3/4, enquanto na cidade de Filadélfia metade da população total era composta por estrangeiros e seus descendentes. O mesmo valia para dois terços da população de Boston e da Filadélfia.

Se ao longo do século XIX predominaram imigrantes oriundos da Europa do Norte, nas suas últimas décadas passou a prevalecer a vinda de imigrantes do Sul e do Leste europeu. Esse novo contingente era composto, em sua maioria, por católicos ou judeus, pobres e sem especialização. Embora fossem brancos, o perfil sociocultural os transformava irremediavelmente em “outros”, cuja “americanização” - que na versão hegemônica correspondia à uma associação de ética do trabalho e moralidade puritana - parecia improvável, levando a sofrerem intensa discriminação, o que transformava “o sonho da América” em pesadelo. Além dos baixos salários, os trabalhadores - homens, mulheres e crianças - tinham que enfrentar longas jornadas de trabalho de até 12 horas diárias, sem direito a repouso semanal ou férias, a insalubridade e falta de segurança das instalações fabris. O sistema de trabalho gerava espoliação não só física, mas simbólica. Uma rigorosa divisão de trabalho e a tentativa de mecanizar e tornar impessoais e mecânicos os procedimentos na linha de produção eram as bases da “gerência científica” concebida por Frederick Taylor, que se disseminou com rapidez.

Nessas condições, o movimento sindical cresceu e se radicalizou. Em 1905, foi fundada uma nova central sindical, denominada *Industrial Workers of the World* - IWW (Operários Industriais do mundo), seguindo uma perspectiva classista e anticapitalista, com tons anarquistas. Deixando de lado a discriminação racial, que também se fazia sentir fortemente no meio sindical, os *wooblies* cresceram numericamente e em pouco tempo se transformaram no grupo mais combativo do meio operário, sobre o qual recaiu a mais intensa repressão. Por preferirem a ação direta ao encaminhamento político de suas demandas, repudiaram a articulação com partidos e adotaram instrumentos de luta mais radicais: greves gerais, greves sem aviso prévio, piquetes, sabotagens, etc.

Para além das conturbações domésticas, este período vai carregar igualmente a marca de uma nova relação com o mundo externo. Depois de ultimada a conquista do Oeste e do definitivo esgotamento da

fronteira interna, teve início um movimento de extroversão da nação, que iria se projetar além do continente e assumir crescentemente o papel de potência global. Novas fronteiras estavam por ser conquistadas. Internacionalistas de diversos matizes pouco a pouco foram vencendo os argumentos dos isolacionistas, que se aferravam as preceitos cautelosos defendidos pelos fundadores da nação.

Evidentemente, tantas conturbações sociais e políticas não poderiam deixar de encontrar ressonância no meio acadêmico e intelectual. A partir daqui, o foco deste trabalho recairá sobre o pensamento de William James, intelectual de grande expressão que viveu entre 1842 e 1910. Médico, psicólogo, filósofo, naturalista, pintor e professor de Harvard, James foi, ao lado de John Dewey e Charles Peirce, um os principais nomes do Pragmatismo, doutrina que influenciou todo o século XX, encontrando continuadores ainda hoje. Considerada a primeira corrente filosófica nativa dos EUA, o Pragmatismo, no meu ponto de vista, importa na medida em que abriu caminhos para construção de uma representação alternativa da América.

Nascido em Nova York, numa família rica e cultivada intelectualmente – seu pai era amigo de Thoreau, Emerson e Hawthorne, e seu irmão mais novo, Henry James, veio a ser um famoso romancista (*The Bostonians*, 1886; *Ambassadors*, 1903) –, William viveu entre os EUA e a Europa, onde lecionou na Universidade de Edinburgo, na Escócia.

A despeito de sua condição social privilegiada, desde muito jovem James viu-se acometido por moléstias diversas, físicas e emocionais, incluindo depressões severas, que o obrigaram a escrever boa parte de seus trabalhos no leito. Não resta dúvida que suas vivências pessoais interferiram em seus estudos, especialmente nos relativos à Psicologia e à Filosofia. Suas crises depressivas foram relacionadas por vários estudiosos de sua vida e obra ao dilema filosófico básico que o dilacerava: encontrar uma possibilidade de conciliar o racionalismo das ciências naturais e o idealismo romântico.

A despeito de suas dificuldades e ambigüidades, o pioneirismo e valor de seus trabalhos são amplamente reconhecidos. Considerado um dos fundadores da Psicologia, em 1890 James lançaria seu clássico *Principles of Psychology*, no qual discutiria a dificuldade de apreender determinados aspectos da mente humana que escapariam à consciência, que, aliás, ele seria dos primeiros a conceber como um fluxo, uma corrente. Afastando-se do behaviorismo então dominante, James defendia que a percepção não é resultado mecânico de um estímulo exterior, mas

uma relação criativa, em que interferiam tanto elementos culturais quanto a vontade ativa. Criticava assim - e isso é bastante singular para o seu tempo - o dualismo entre objetividade e subjetividade, defendendo que os aspectos internos e externos ao sujeito seriam inseparáveis, apresentando-se entrelaçados nas experiências humanas. Dessa forma, o conhecimento deveria ser percebido sempre como mediado pela subjetividade, pela individualidade.

Em dois de seus mais famosos textos, *The Will to Believe*, de 1896, e *Varieties of Religious Experience*, resultado de suas aulas na Universidade de Edinburgo entre 1900 e 1902, além de defender que toda percepção é culturalmente condicionada, James explora as bases irracionais da ação humana, que passaria pela necessidade de criar sentido espiritual para vida. James perseguia conciliar religião e ciência, algo tipicamente norte-americano, com certeza. Mas a visão de religião de James nada tinha de usual, distanciando-se de uma perspectiva mais conservadora em termos religiosos. Religião para James não se relacionava com conhecimento e com verdade, mas com emoção. Para James, a mola da ação seria acreditar - “will to believe” - e a fonte mais profunda de religião, a evidência de Deus, residiria primariamente nas experiências íntimas pessoais. Nenhuma preocupação com a doutrina, mas com a experiência religiosa em sua diversidade. James não se preocupava em decidir sobre qual religião seria digna ou não de ser seguida, muito menos em estabelecer hierarquias, mas defendia que todos, a seu próprio risco, deveriam ter o direito de acreditar em qualquer “hipótese viva”, como chamava, que suscitasse o desejo. Idéias teriam, assim, potência quando relacionadas aos desejos, e não a uma lógica intelectual abstrata.

Um dos aspectos mais inovadores do Pragmatismo se relacionava justamente à sua visão sobre a verdade, tema clássico da Filosofia. Os adeptos do Pragmatismo opuseram-se à teoria da verdade como correspondência, ou seja, à idéia de que a verdade equivale à representação fiel de uma realidade que existe anteriormente. Abandonaram a idéia de que seria possível atingir, tanto na ciência como no terreno da moral, uma verdade absoluta, uma visão onisciente, acabada. Recusaram-se a acreditar na verdade como algo não construído pelos homens e que sobre eles tivesse autoridade. O valor e sentido das coisas, segundo o Pragmatismo, resultariam da manipulação, do seu uso pelo homem, e não de algum valor intrínseco, imanente. Num mundo em constante mudança, a própria verdade não poderia deixar de ser afetada. Em suas palavras, “truth happens to an idea”, a verdade acontece a uma idéia; os acontecimentos fazem dela verdade.

Nesse sentido, o conhecimento não teria valor se não estivesse associado a um propósito. Como consequência da primazia absoluta concedida ao agente, à prática sobre a teoria, a tradicional idéia da América como profecia bíblica, como “a cidade no topo da colina”, cunhada pelos peregrinos puritanos, não fazia qualquer sentido. Segundo o Pragmatismo, ao contrário, a América não deveria se colocar no interior de nenhum quadro de referências a ser seguido ou preservado. James e outros filósofos do Pragmatismo consideravam no mínimo auto-enganosa a versão da identidade norte-americana associada à esperança pueril de escapar ao tempo e à mudança, que produzia como corolário político a hipocrisia e a agressividade irracional dos que perseguiram o cumprimento de um “destino manifesto”. Não reconhecendo outra autoridade que não a resultante do livre consenso alcançado entre os homens, os criadores do Pragmatismo imaginavam novas e mais ricas formas de felicidade humana, viabilizadas por uma postura ativa, capaz de fazer frente às fragilidades da democracia americana. Desejavam que o lugar da benção divina no imaginário coletivo fosse ocupado por um projeto utópico. Os criadores do Pragmatismo recuperavam, assim, a redefinição de Deus como o próprio futuro de Walt Whitman, este poeta da democracia, outro expoente da vida intelectual norte-americana do século XIX que retratou a América dos trabalhadores pobres e dos negros, no seu celebradíssimo. – *Leaves of Grass*, de 1855.²

Não obstante, além das críticas dos contemporâneos relacionadas à falta de rigor de seu pensamento e à sua visão sobre a verdade, que transformaria a realidade em algo intangível, a filosofia de James também foi acusada de cultivar um individualismo atroz. Críticos mais ácidos hoje chegam a considerar que o Pragmatismo representaria, por um lado, o utilitarismo no campo moral, e por outro, a sacralização das estruturas sociais. Vontade de crer se traduziria na vontade de poder. A vontade de crer seria a vontade de fazer com que tudo continuasse inalterado, representando um fundamentalismo laico da ideologia do progresso norte-americano -otimismo liberal que anteciparia o neoliberalismo pragmático de hoje.³

Na minha opinião, tais críticas, além de não fazerem justiça a aspectos centrais do pensamento de James, desconsideram sua inserção nos debates políticos e ideológicos de seu tempo.

² Sobre a associação de Whitman aos integrantes do Pragmatismo, ver Rorty, Richard. *Para realizar a América: o pensamento de esquerda na América*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 1999.

³ Alambert, Francisco. “O sonho Pragmático”. In: *Mais! Folha de S. Paulo*, 21/10/2001, p. 8,9.

Quanto à discussão epistemológica em torno do sentido da verdade, deve-se considerar que James e os pragmatistas não foram tão longe quanto os pós-modernistas, desconstrucionistas e relativistas radicais contemporâneos que declaram que não há verdades, só ilusões discursivas. James insistia que as idéias deveriam ser submetidas ao teste da experiência, o que representa uma instância extradiscursiva, capaz de corroborar o sentido das idéias. Portanto, o Pragmatismo se aproxima e, de certa maneira, antecipa correntes como a de Thomas Kuhn, cujo conceito de paradigma encontra-se já absolutamente reconhecido.

Por se aferrar à idéia de que a consciência individual é eminentemente social, dado que a experiência, sempre social, a governa, o Pragmatismo demonstra também, antes de tudo, ser uma filosofia social. Uma filosofia libertadora do sujeito, sim, mas sempre afirmando que o sujeito, mesmo recorrendo à vida interior para superar a opressão social, só se realiza na ação no mundo. Conceber o homem como um ser do desejo, que deve se desfazer do sentido do trágico, das culpas ou pecados, não significava um referendo ao egocentrismo, muito pelo contrário. Preocupados com a reforma social e a educação, James e Dewey acabaram por recorrer à idéia de uma religião cívica secular, que pudesse criar um sentido espiritual para vida e mobilizar para a ação política. Dessa forma, James pretendeu conciliar independência de pensamento, ou seja, individualidade, com o compromisso de ativismo democrático.

A defesa do direito de autogoverno pelos filipinos e a denúncia da intervenção injustificável dos EUA, além de sua defesa dos irlandeses frente à Inglaterra, podem ilustrar as preocupações políticas de James. Embora se afastasse da vida partidária, James, tal qual Henry Thoreau, que repudiara a conquista de grande parte do território mexicano em 1848, denunciou os horrores da guerra e os males do imperialismo através da imprensa e das ações da Liga Antimperialista, que fundou em 1898. Preocupado com o respeito à diversidade religiosa e cultural, no ensaio *On a Certain Blindness in Human Beings*, James defendia a necessidade de se considerarem legítimas as práticas culturais alheias, mesmo aquelas que parecessem ininteligíveis, dado que nenhum ser humano seria capaz de alcançar um conhecimento pleno das coisas. Portanto, o lema deveria ser “hands off” – ou seja, a não-intervenção.

O debate que James travaria com T. Roosevelt em torno desta questão pode ilustrar justamente aquilo para o que insisto em chamar atenção neste trabalho: o conflito entre diferentes versões do americanismo. Theodore Roosevelt pode ser considerado um dos maiores expoentes de uma corrente de pensamento, em termos de política

externa, que procura conciliar a idéia de excepcionalidade do povo americano com uma perspectiva civilizatória, legitimadora da imposição do poder econômico e político norte-americano no mundo. O paradigma das “responsabilidades mundiais dos EUA”, do qual deriva a proposição, freqüentemente repetida, de que os “EUA devem organizar a paz”, responsabilizando-se por promover os princípios universais da democracia e da liberdade que conduzem a ação norte-americana no mundo até hoje, carrega, implicitamente, a idéia de que os EUA estariam acima, e não dentro do sistema internacional.

Theodore Roosevelt, o primeiro presidente dos EUA no século XX, procurou associar a imagem do país à de uma América viril do Oeste. Demitindo-se de seu cargo na Marinha, Roosevelt partiu como voluntário para a guerra hispano-americana em 1898. Conseguiu com isso transformar-se em herói nacional, encarnação da virtude e violência masculina e da supremacia racial americana, antítese da decadência provocada pelo que considerava excesso de civilidade. Pregava a necessidade de enfrentar tarefas árduas capazes de forjar e manter a firmeza do caráter. Defendendo a intervenção armada nas Filipinas e atacando os que se opunham a ela, especialmente aqueles que, como James, a combatiam em nome de princípios democráticos, Roosevelt associava isolacionismo a covardia. Considerava que a guerra nunca deveria ser evitada, mas enfrentada, já que seria o resultado inevitável da afirmação dos mais fortes no curso da história, os arautos da civilização.

Este expoente do darwinismo social criticava aqueles que defendiam serem as relações comerciais o núcleo das relações internacionais. Como ainda fazem os militaristas de hoje, defendia que a América deveria garantir sua proeminência no mundo, reforçando o orçamento militar, de modo a ampliar sua capacidade bélica. Roosevelt descartava as críticas quanto à ameaça que o crescimento do aparato militar poderia representar para a democracia americana e atacava duramente os que repudiavam a guerra, os que, segundo ele, não teriam suficiente virilidade para lutar e por isso lançavam mão de argumentos humanitários e do direito do autogoverno e da liberdade de todos os povos. Segundo Roosevelt, se os norte-americanos falhassem na luta pela civilização, falhariam não só como raça, mas como homens. A firme ação imperial seria o único meio de garantir a concretização dos grandes ideais

nacionais. Assim sendo, a guerra afirma-se como sagrada.⁴ Essa é a síntese do pensamento de Roosevelt, condensado no seu famoso discurso “Strenuous Life” (Vida Ádua), proferido em 1899, quando ainda era governador e ambicionava chegar à presidência.

Mesmo sem ter sido citado diretamente, James decidiu reagir através dos jornais. Passo a citá-lo:

Deve-se permitir que os gritos do Governador Roosevelt invadam os quintais de nossa nação sem que ouça uma resposta igualmente estridente? Até mesmo os ‘falantes desocupados que sentam-se em casa em paz com seu estúpido e falso humanitarismo’ devem sentir seu ‘ignóbil’ e ‘covarde’ sangue ferver diante de um tal desafio; e eu sou dos que sinto que seria ignominioso deixá-lo ficar dominando a cena sem ser contraditado.

(...) De todas as toscas abstrações que jamais foram aplicadas aos assuntos humanos, as diatribes da alma do Governador Roosevelt pareceriam as mais toscas. Embora em idade madura... e numa situação de responsabilidade suficientemente concreta, ele ainda se encontra mentalmente na adolescência, quando discursa sobre assuntos humanos, e discorre sobre a guerra como condição ideal da sociedade humana a partir unicamente do ponto de vista da excitação orgânica e das dificuldades que ela pode trazer, pela extenuação viril que ela envolveria, e trata a paz como a condição ignominiosa de obesos paralisados, adequada apenas à fraqueza dos comerciantes, negociando nas sombras, desprezando a vida elevada. Nenhuma palavra sobre a causa, - um adversário é tão bom quanto outro, pelo que ele nos diz, nenhuma palavra sobre as condições do sucesso... Ele despeja tudo junto numa torrente de emoção belicosa.⁵

Nós estamos neste momento esmagando uma das coisas mais sagradas do mundo – a tentativa de um povo longamente escravizado de conquistar o controle e a organização de um governo e de leis próprias, de ser livre para seguir seu destino de acordo com seus próprios ideais.⁶

No que diz respeito às relações interamericanas, James foi lúcido o suficiente para repudiar a Doutrina Monroe, alicerçada no dogma da

⁴ Pontuando efetivamente a história norte-americana no século XX – o século americano, a guerra efetivamente passa a ocupar um lugar central no imaginário coletivo. Impressionam nos cemitérios dos EUA, como o de Arlington, em Washington, por exemplo, as áreas reservadas aos mortos em combate, mortes enobrecidas pelo selo da coragem e do sacrifício pela pátria.

⁵ Springfield....

⁶ Boston Evening, 1/3/1899

necessária identificação entre todas as repúblicas americanas, sob a égide norte-americana. Repudiou intervenções norte-americanas movidas por um patriotismo chauvinista, protestando publicamente através de discursos, artigos e cartas a jornais.⁷ James contrariou frontalmente a idéia de excepcionalidade e superioridade do norte-americano, a qual, segundo pensamento esposado por Roosevelt, justificaria as ações “civilizatórias”. Num discurso diante a Liga AntiImperialista em Boston, em 1903, James afirmaria que em todos os países se travava uma luta entre poderes antagônicos: os que empunhavam a bandeira internacionalista, cosmopolita e liberal e os que adotavam o instinto animal, defendendo o governo pela força bruta. James chegou mesmo a defender que a guerra fosse qualificada como selvageria e banida, tornada ilegal.

Na ação norte-americana, James pressentia a emergência de uma expansão capitalista que se anunciava como brutal, corrupta e irracional. James temia inclusive, e talvez estivesse sendo profético, que um processo de nivelamento, no sentido de forçada supressão de singularidades, estivesse se esboçando. James se mostrava cada vez mais preocupado com o crescimento de uma postura cínica e o abandono de princípios que via sendo incentivados pelos meios de comunicação de massa, que estimulavam apenas o sensacionalismo. E a CNN e a CBS nem existiam ainda...

Em “The Moral Equivalent of War”, escrito próximo de sua morte em 1910, James defendia que o idealismo da juventude, canalizado ao longo da história da humanidade para a guerra, deveria ser redirecionado para fins positivos, como um esforço humanitário pela paz, contra a injustiça social, a pobreza, a doença e a ignorância. Dessa forma, o patriotismo não mais se associaria ao militarismo, mas a uma nova ética, um novo sistema moral de honra cívica que redundaria numa ordem mundial fraterna.⁸

Afirmando que fé e utopia são o mais nobre exercício da razão humana, este filósofo do pluralismo, do empiricismo radical e do voluntarismo pode ser visto como um antecessor de outros defensores das causas pacifistas que, embora abafadas, tiveram lugar nas primeiras seis décadas do século XX.

⁷ “James as a Reformer” In: Perry Raph Barton Perry *The Thought and Character of William James*. Vanderbilt University Press Nashville/London, 1996.

⁸ James, William. “The Moral Equivalent of War”. In: *Memories and Studies*. New York, Longmans, Green & Company, 1911.

Com o espocar da Primeira Guerra Mundial, o repúdio à guerra encontrou outros porta-vozes. A central sindical anarquista *International Workers of the World*, já citada, e o Partido Socialista promoveram demonstrações reunindo milhares de pessoas por todo o país. Centenas foram presas, julgadas e condenadas pela Lei de Espionagem⁹, mas apesar disso, 65.000 pessoas declararam fazer objeção consciente à guerra. Alguns importantes intelectuais também se manifestaram criticamente. Ernest Hemingway escreveria *Adeus às Armas*. Anos depois, Irwin Shaw escreveria a peça *Bury the Dead* e Dalton Trumbo escreveria *Johnny got his gun* - uma dramática estória de um soldado que sobrevive consciente, depois de perder os braços, as pernas, a visão e a fala.

O movimento pacifista dos anos 1960, que sempre aparece como grande referência no que se refere à contestação do *establishment* nos EUA, teve, portanto, antecessores para se inspirar. Muitos dos que se envolveram nos Corpos da Paz¹⁰ reivindicaram explicitamente William James e seu *The Moral equivalent of War*. Vale terminar este trabalho, portanto, recuperando um dos mais importantes porta-vozes da rebeldia da New Left: o escritor Norman Mailer, que narra, no premiado romance *The armies of the night*, uma das manifestações pacifistas mais espetaculares da década - o cerco ao Pentágono, de 1967. Sob o subtítulo final “Metáfora cumprida”, denuncia o *establishment*, sem deixar de manter acesa a chama de uma utopia americana alternativa. Nas palavras de Mailer podemos ouvir os ecos do pensamento de James:

⁹ *The Espionage Act*, de 16/5/1918, na verdade, resultou de uma emenda feita à Lei aprovada menos de um ano antes, introduzindo a punição a todos os que, em tempos de guerra, provocassem ou incitassem insubordinação, deslealdade, motim ou recusa ao serviço nas forças armadas, obstruindo ou tentando obstruir o alistamento militar. Ver *Major Problems in American History – Documents and Essays - Vol II – Since 1865* Elizabeth Cobbs Hoffman & Jon Gjerde (eds). Boston/New York, Houghton Mifflin Company, 2002.

¹⁰ Os Corpos da Paz foram criados no início do governo Kennedy com o objetivo de enviar voluntários para servir por dois anos em projetos de assistência técnica e comunitária nos países do Terceiro Mundo. Embora esta agência tenha sido utilizada como um instrumento para exportar uma face benigna dos EUA num contexto em que a imagem do país encontrava-se bastante comprometida e o idealismo comunista parecia não ter fronteiras, muitos jovens engajados nos movimentos sociais e políticos da década de 1960 e contrários à Guerra no Vietnã inscreveram-se no programa. V. Azevedo, Cecília. *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil (1961-1981)*, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

Toda crise do cristianismo na América resulta do fato de os heróis militares estarem de um lado e os santos anônimos de outro! Que some as trompas. A morte da América vem cavalgando no smog. A América – a terra onde uma nova espécie de homem nascera da idéia de que Deus está presente em todos os homens, não só na compaixão, mas também no poder e de que a nação pertence, assim, ao povo (se às algemas de sua vida puder ser dada a arte de girarem por si mesmas) era, então a vontade de Deus. Grande e perigosa idéia! Se as algemas não giram, então a vontade do povo poderá ser a vontade do Diabo! Quem pode, agora, saber onde está o quê? As algemas são controladas por mentirosos. Lamentai e meditai sobre aquele país que expressa a nossa vontade. (...) Deus se contorce em suas garras de ferro. Quebreiros os grilhões. Livrai-nos da na nossa maldição. Pois temos de ir até o final da estrada e alcançar aquele mistério onde a coragem, a morte e o sonho de amor nos prometem que poderemos, enfim, dormir.¹¹

REFERÊNCIAS

- Conkin, Paul K. Puritans and Pragmatists, eight eminent American thinkers. Bloomington, Indiana University Press, 1976
- Diggins, John Patrick. The Promise of Pragmatism: Modernism and the Crisis of Knowledge and Authority. Chicago, The University of Chicago Press, 1994.
- Perry, Ralph Barton. The Thought and Character of William James. Nashville, Vanderbilt University Press, 1995
- Putnan, Hilary. Pragmatism, An Open Question. Blackwell, Oxford/Cambridge, 1995.
- Richard Wightman Fox & James Kloppenberg (eds). A Companion to American Thought. Blackwell, Oxford/Cambridge, 1995.
- Roosevelt, Theodore. The Strenuous Life. Speech before the Jamilton Club, chicao, 10/4/1899 In: Major Problems in American History (vol II: since 1865) – Documents and Essays – Elizabeth Cobbs Hoffman & Jon Gjerde. Houghton Mifflin Company, Boston/New York, 2002.
- Rorty, Richard. Objectivity, relativism and truth: Philosophical papers. (vol.I) Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

¹¹ Mailer, Norman. *Os Exércitos da Noite*. Rio de Janeiro, Ed. Record, p. 312

----- Para realizar a América. O Pensamento de Esquerda no século XX na América. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999.